



SEÇÃO LIVRE

## As heranças que vêm do tempo do cativo: considerações sobre as vivências de mulheres negras no romance *Água de barrela* (2018)

*The legacies that come from the time of captivity: considerations on the experiences of black women in the novel Água de barrela (2018)*

*Los legados que vienen del tiempo del cautiverio: consideraciones sobre las experiencias de mujeres negras en la novela Água de barrela (2018)*

**Natacha dos Santos**

**Esteves<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9834-5044](https://orcid.org/0000-0002-9834-5044)  
[natachaestevescm@gmail.com](mailto:natachaestevescm@gmail.com)

**Recebido em:** 3 jun. 2025.

**Aprovado em:** 16 jan. 2026.

**Publicado em:** 12 jun. 2026.

**Resumo:** O presente estudo, partindo do romance afro-brasileiro *Água de barrela* (2018), da escritora Eliana Alves Cruz, almeja desvelar como o histórico e persistente sistema escravocrata não apenas determinou e estruturou, mas ainda continua a moldar uma convergência de violências que sujeitos negros – em específico as mulheres – enfrentam na contemporaneidade. Essas manifestações de violência, mesmo que sejam transfiguradas, persistem sob a alcunha do chamado racismo estrutural. Além de sua relevância temática, por ser uma metaficção historiográfica, a obra apresenta as violências do período escravocrata e, conseqüentemente, o estudo mostra como as novas opressões raciais da modernidade são atualizações das antigas formas de opressão, estabelecendo assim um elo direto com o período escravocrata. A narrativa de *Água de barrela* (2018) é iniciada com o desumano sequestro e tráfico de negros no continente africano para o Brasil e, por fazer a alternância dos focos narrativos, a obra mostra como a escravidão teve impactos diferentes em corpos diferentes. Diante disso, o trabalho aborda recortes das vivências de quatro mulheres: Anolina, Martha, Damiana e Dodó. Cada uma delas representa contextos diversos do Brasil; conseqüentemente, são tangenciadas por manifestações diversas da escravidão e do racismo, sendo intérpretes da nação marginalizada e descentrada. Ademais, o estudo mostra como outros sistemas de opressão, como o patriarcalismo, atuam de forma conjunta com o racismo na subjugação das mulheres negras. O estudo tem como subsídio teórico postulações dos Estudos Culturais, da Filosofia e da Sociologia. Essa fundamentação teórica interdisciplinar permite um entendimento mais aprofundado sobre o racismo como um sistema de opressão que impacta, diretamente, todas as áreas de vivência do indivíduo.

**Palavras-chave:** *Água de barrela*; escravidão; intérpretes do Brasil; pós-abolição; racismo.

**Abstract:** This study, based on the Afro-Brazilian novel *Água de barrela* (2018) by the writer Eliana Alves Cruz, aims to unveil how the historical and persistent slave system not only determined and structured, but continues to shape a convergence of violence that Black subjects – specifically women – face in contemporary times. These manifestations of violence, even if transfigured, persist under the guise of so-called structural racism. Beyond its thematic relevance as a historiographical metafiction, the work presents the violence of the slave period and, consequently, the study shows how the new racial oppressions of modernity are updates of old forms of oppression, thus establishing a direct link with the slave period. The narrative of *Água de barrela* (2018) begins with the inhumane kidnapping and trafficking of Black people from the African continent to Brazil and, by alternating narrative focuses, the work shows how slavery had different impacts on different bodies. Given this context, the work addresses excerpts



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá – UEM.

from the experiences of four women: Anolina, Martha, Damiana, and Dodó. Each of them represents diverse contexts in Brazil; consequently, they are affected by various manifestations of slavery and racism, acting as interpreters of a marginalized and decentered nation. Furthermore, the study shows how other systems of oppression, such as patriarchy, act in conjunction with racism in the subjugation of Black women. The study is theoretically grounded in postulates from Cultural Studies, Philosophy, and Sociology. This interdisciplinary theoretical foundation allows for a deeper understanding of racism as a system of oppression that directly impacts all areas of an individual's life.

**Keywords:** *Água de barrela*; slavery; interpreters of Brazil; post-abolition; racism.

**Resumen:** Este estudio, basado en la novela afro-brasileña *Água de barrela* (2018), de la escritora Eliana Alves Cruz, busca revelar cómo el sistema histórico y persistente de esclavitud no solo determinó y estructuró, sino que continúa configurando una convergencia de violencia que las personas negras, específicamente las mujeres, enfrentan en la época contemporánea. Estas manifestaciones de violencia, incluso si se transfiguran, persisten bajo el nombre del llamado racismo estructural. Además de su relevancia temática, como metaficción historiográfica, la obra presenta la violencia del período de la esclavitud y, en consecuencia, el estudio muestra cómo las nuevas opresiones raciales de la modernidad son actualizaciones de las antiguas formas de opresión, estableciendo así un vínculo directo con el período de la esclavitud. La narrativa de *Água de Barrela* (2018) comienza con el secuestro y tráfico inhumanos de personas negras del continente africano a Brasil. Al alternar enfoques narrativos, la obra muestra cómo la esclavitud tuvo diferentes impactos en diferentes cuerpos. En vista de esto, el trabajo aborda fragmentos de las experiencias de cuatro mujeres: Anolina, Martha, Damiana y Dodó. Cada una de ellas representa diferentes contextos en Brasil y, en consecuencia, se ve afectada por distintas manifestaciones de esclavitud y racismo, siendo así intérpretes de la nación marginada y descentralizada. Además, el estudio muestra cómo otros sistemas de opresión, como el patriarcado, actúan junto con el racismo en la subyugación de las mujeres negras. El estudio se sustenta en postulados teóricos de los Estudios Culturales, la Filosofía y la Sociología. Esta base teórica interdisciplinaria permite una comprensión más profunda del racismo como un sistema de opresión que impacta directamente todas las áreas de la experiencia individual.

**Palabras clave:** *Água de barrela*; esclavitud; intérpretes de Brasil; posabolición; racismo.

## 1 Considerações iniciais

O sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido afirmou, em *Direitos humanos e literatura* (1989, p. 113), que a "literatura não é uma experiência inofensiva". De fato, certas obras literárias

assumem a responsabilidade de serem tudo, menos inofensivas. Tratar da história do Brasil, desde o seu processo de formação, significa percorrer a historiografia literária e constatar que, durante sua construção, a literatura – e outras artes – foi utilizada pela ordem dominante para disseminar valores axiológicos sobre todas as parcelas da sociedade. Esses valores nem sempre continham a verdade, apesar de muitas vezes serem divulgados pela ciência também, e quase sempre eram prejudiciais aos grupos minorizados; por exemplo, em *The descent of man, and selection in relation to sex*, Charles Darwin afirmou que "[...] o homem é mais poderoso em corpo e mente do que a mulher e, no estado selvagem ele a mantém numa condição de servidão muito mais abjeta que o faz o macho de qualquer outro animal; portanto, não surpreende que ele tenha ganhado o poder de seleção"<sup>2</sup> (1871, p. 371-372, tradução minha).

A escravidão, definida por Nabuco (2000) como uma "instituição fóssil" e só existente no mundo como algo retardatário e por falta de coesão geral da ordem dominante, representou o momento de estruturação e construção das desigualdades sociais que ainda perpassam e determinam as realidades de muitos sujeitos que vivem em países que foram tangenciados pela colonização. Todavia, é necessário ter em mente que indivíduos diferentes recebem violências diferentes. Ou seja, as convergências de opressões do período escravocrata se somatizaram de formas distintas em corpos distintos. Nesse sentido, cabe reconhecer que a mulher negra foi e ainda é a principal vítima do sistema de opressões criado e advindo da estrutura escravagista. Portanto, pensar na história do Brasil é pensar na história das mulheres negras, as principais intérpretes da nação desde a sua formação como país.

A ativista e filósofa estadunidense Angela Davis, em sua obra *Mulheres, raça e classe* (2016, p. 16-19), explica as convergências de opressões na vida das mulheres negras em condição de escravidão:

<sup>2</sup> "[...] man is more powerful in body and mind than woman, and in the wild state he keeps her in a far more abject condition of servitude than the male of any other animal; therefore, it is not surprising that he has gained the power of selection" (Darwin, 1871, p. 371-372).

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. [...] A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

Obviamente, homens negros também sofreram diversas atrocidades no período escravocrata; todavia, cabe salientar o que o Foucault (1996) explica sobre o sistema de opressão. Para ele, as sociedades são construídas com base em escalas de opressões e, basicamente, as mulheres não brancas e pobres são o receptáculo máximo desse sistema. O que corrobora as postulações do autor é o fato de que, no Brasil<sup>3</sup>, a primeira vítima da Covid-19 foi uma empregada doméstica que, muito provavelmente, contraiu o vírus enquanto estava trabalhando. Afunilando mais o pensamento de Foucault (1996), podemos compreender esse sistema de opressões, no Brasil, como sendo o racismo estrutural. Cuti, na obra *Literatura negro-brasileira* (2010, p. 12), explica:

A luta entre escravizado e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua. Segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas.

As considerações de Cuti (2010) encaixam-se perfeita com o que foi proposto por Eliana Alves Cruz, no romance *Água de Barrela* (2018). Por meio de uma metaficção historiográfica<sup>4</sup>, a autora apresentou todas as nuances do sistema escravocrata, desde o sequestro de negros no continente africano e até os dias atuais, mostrando

que as convergências de opressões vivenciadas por negros, em específico as mulheres negras, perduram até a contemporaneidade. O que ela faz é um processo de resgate da ancestralidade negra e de apresentação da sociedade brasileira através dos séculos. Ao trazer as vivências, lutas e violências que as mulheres negras enfrentaram, Cruz (2018) assume um tom de resistência perante o sistema de opressões que Cuti (2010, p. 25) explica:

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências.

Nesse sentido, o presente estudo, partindo do romance *Água de Barrela* (2018), trabalha com as representações das violências do sistema escravocrata vividas por mulheres negras. Além disso, o estudo mostra como o racismo estrutural – noção contemporânea – utiliza as bases do sistema escravagista para continuar operando e determinando a vida de sujeitos negros no Brasil e quais são as formas de materialização assumidas por ele na atualidade.

## 2 As convergências de opressões

Antes de adentrar no *corpus* que movimenta o presente estudo, é necessário compreender o trabalho da autora, a jornalista Eliana Alves Cruz, uma vez que a obra parte do núcleo familiar dela. Atuando como jornalista esportiva<sup>5</sup>, o foco de Cruz nesse ramo é no resgate e incentivo da presença negra no esporte. Como escritora, sua trajetória vem se construindo de forma sólida no mercado editorial. Em 2015, fruto de cinco anos de pesquisa, o romance *Água de Barrela* – primeiro da autora – foi publicado em 2016 pela Fundação

<sup>3</sup> MARTINS, E.; ROXO, S. Primeira morte por coronavírus no país: a diarista Rosana deixou um filho com atraso de desenvolvimento e epilepsia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/primeira-morte-por-coronavirus-no-pais-diarista-rosana-deixou-um-filho-com-atraso-de-desenvolvimento-epilepsia-24575691>. Acesso em: 8 set. 2024.

<sup>4</sup> Para fins conceituais, a partir da crítica literária canadense Linda Hutcheon, podemos dizer que a metaficção historiográfica é a ficção que se define como ficção, mas que estabelece um diálogo com a história oficial, via paródia. Para a crítica, essa ficção intertextual busca rerepresentar o passado na história e na ficção, caracterizando-se como "tipicamente contraditória da arte pós-moderna [que] fornece e ataca o contexto" (Hutcheon, 1991, p. 166).

<sup>5</sup> Mais informações sobre a autora podem ser encontradas no site Literafro, da UFMG (<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>).

Cultural dos Palmares. Seu segundo romance, *O crime do cais do Valongo* (2018), foi baseado em uma tentativa de resgate da memória e da cultura afro-brasileira. Mesclando uma narrativa histórica e policial, a obra apresenta um crime que aconteceu em Moçambique e vai até o Rio de Janeiro.

Em 2020, foi publicado o romance *Nada digo de ti, que em ti não veja*. Ambientada no período colonial – século XVIII, no ciclo de ouro de Minas Gerais –, a obra aborda a hegemonia e a influência da Igreja Católica e da Inquisição. Nesse romance histórico, Cruz apresenta o processo de formação das milícias, das *fake news*, do fanatismo religioso, do conservadorismo e do racismo. No ano de 2022, foi publicado seu romance mais aclamado pela crítica, *Solitária*. Partindo de uma narrativa contemporânea, a autora apresenta a exploração do trabalho doméstico negro no Brasil, fazendo relações com o período escravocrata.

Por mais que seja uma passagem breve, julga-se importante entender a trajetória da autora pela seara da literatura afro-brasileira e constatar que “não se pode entender um projeto artístico ou intelectual sem entender também a sua formação” (Williams, 1958, p. 151). Assim, ao dar voz a sujeitos negros, a autora conta a história de formação do Brasil pela perspectiva de quem, majoritariamente, construiu a nação mas, mesmo assim, é relegado a uma posição de descentralização social e receptáculo de inúmeras violências.

O romance *Água de barrela* (2018), apesar de ter foco predominante nas vivências das mulheres negras, mostra também os efeitos da escravidão nas vidas de homens negros e de pessoas brancas. Ele não é um romance que assume embates maniqueístas entre bem e mal; apenas mostra que todas as pessoas – de formas diferentes – foram e são afetadas pela escravidão. Eis a riqueza do material.

Conforme mencionado anteriormente, a obra inicia-se em 1840, no reino de Oió, com o sequestro de negros na África. Intercalando os narradores, o primeiro com que se tem contato é o jovem Akin Sangokunle, que, ao ser traficado

no Brasil, é rebatizado como Firmino. De partida, a autora já mostra um aspecto importantíssimo da escravidão no Brasil: a falta de execução das leis abolicionistas. Mesmo que o tráfico negreiro já estivesse em proibição desde 1831, os africanos continuavam – de forma clandestina – a serem vendidos. A narrativa de Akin mostra como foi traumática a sua estadia no navio, o quão desumana a sua existência foi relegada:

A morte era uma das passageiras naquela travessia, que ficava mais tenebrosa a cada sopro do vento nas velas. Ela lhe sorria, flertava e o convidava para o seu banquete. Até que se tornou uma irmã siamesa quando o fizeram conviver acorrentado a um cadáver por três dias. Esse foi o saldo de uma tentativa de rebelião terminada com oito negros jogados ao mar para os tubarões e um tempo incontável sem ver a luz do sol. [...] os cativos ficaram sem comida o dia todo como castigo e só perceberam que havia um cadáver no porão muito tempo depois. A medida surtiu efeito, pois era impossível pensar em algo com a fome e aquele corpo mutilado e pútrido como companhia. Ao cabo de três dias, finalmente o jogaram ao mar, para que não trouxesse mais doenças à já combalida mercadoria (Cruz, 2018, p. 25-26).

Ao chegarem ao Brasil, Akin e sua cunhada – os únicos sobreviventes da violência colonizadora – são comprados pelo dono do engenho da Nossa Senhora da Natividade, na Bahia, em 1849. E é nesse local que grande parte da narrativa será ambientada. Apenas pela passagem de Akin já é possível constatar a profundidade da obra e sua pluralidade de temas. Nesse sentido, conforme já mencionado, o estudo se ocupará de quatro personagens específicas: Anolina, Martha, Damiana e Dodó.

Os personagens em *Água de barrela* (2018), especialmente as mulheres, compõem uma estrutura narrativa muito potente e bastante didática que até servem de exemplo prático sobre o que Nabuco (2000) teorizou sobre a escravidão:

A pressão diária que ela exerce sobre este; a ansiedade de cada hora a respeito de si e dos seus; a dependência em que está da boa vontade do senhor; a espionagem e a traição que o cercam por toda parte, e o fazem viver eternamente fechado numa prisão de Dionísio, cujas paredes repetem cada palavra, cada segredo que ele confia a outrem, ainda mais, cada pensamento que a sua expressão somente denuncia.

Essa "pressão diária" mencionada pelo autor abolicionista é uma sombra cotidiana na vida das mulheres em condição de escravidão. Conforme é possível observar em livros didáticos e em documentos oficiais sobre o período escravocrata, as mulheres negras eram sentenciadas a servir suas senhores brancas, desempenhando todas as atividades que lhes fossem exigidas. Em comparação aos homens negros, como é mencionado no romance de Cruz (2018), a vida das mulheres era menos maçante em alguns aspectos, uma vez que muitas delas eram mantidas na casa-grande – na cozinha – e, por isso, eram liberadas do árduo trabalho na lavoura. Contudo, o agravante na vida do feminino negro era seu sexo. O estupro era uma atividade corriqueira na vida da mulher escravizada e essa prática assumia justificativas múltiplas:

O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. Os abusos especialmente infligidos a elas facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levavam os proprietários da mão de obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seu objetivo era a repressão. Assim como as mulheres negras dificilmente eram "mulheres" no sentido corrente do termo, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros (Davis, 2016, p. 20).

Os donos de engenho, prevalecendo da condição de dono, transformavam a mulher escravizada em objeto sexual e, nesse processo, emasculavam os homens negros. Os abusos eram incentivados desde cedo na vida dos filhos dos senhores de engenho como um ritual de passagem quando atingiam a puberdade, conforme pode ser observado no excerto do romance que retrata essa prática:

Os homens entraram no quarto e mostraram a Francisco o "presente". Fizeram-na ficar de pé e tiraram sua camisola. Quando a peça de roupa caiu, ouviram-se aplausos, assobios e murmúrios. Ela fechou os olhos. Sentiu mãos apalpando-a em as partes íntimas. [...] Aproximou-se lentamente dela e acariciou seu braço. Ela continuava de olhos fechados. Ele então encostou os lábios nos dela. Foi o que faltava. A timidez deu lugar à fúria e ele a jogou

na cama e a possuiu de um jeito estabonado e violento. Fora do aposento, os homens bebiam e se divertiam ouvindo os gritos de prazer do rapaz. Ela permanecia imóvel, como que congelada. Quando ele se sentiu satisfeito, dormiu com roncamentos altos e ela ficou ali encolhida. Os homens pareciam ter ido embora. Lentamente, ela se moveu para levantar-se. Sentia dores e queria fugir dali, mas foi puxada de volta para a cama com a tradicional violência e aquilo durou ainda até o dia clarear (Cruz, 2018, p. 90).

O trecho em questão retrata a iniciação dos abusos sexuais sofridos por Anolina, aos 14 anos. No decorrer da narrativa, a personagem passa anos sendo cotidianamente abusada por Francisco e, mesmo tomando ervas abortivas, ela acaba engravidando. Inclusive, o conhecimento sobre as ervas abortivas partiu de mulheres mais velhas que também haviam sido submetidas às violências da casa-grande antes dela. Todavia, diferentemente de suas antecessoras, Anolina decide romper, mesmo que minimamente, com o sistema opressor que a coloca como um objeto: ela nega a paternidade do senhor de engenho. Pelo fato de manter relações sexuais com um rapaz negro, não fica claro para os outros quem é o pai da criança, apesar de ela saber. Para Anolina, ter um filho com o homem que a abusava de todas as formas possíveis era inaceitável e ela recebe apoio de uma anciã que compreende o medo da jovem e, de certa forma, prevê o futuro das mães solo: "[...] se acabou esse trelelê. Qualquê dos dois num vai dá o peito, num vai cuidá nem se sacrificá. Quem vai fazê isso a vida toda é ela. A fia é dela" (Cruz, 2018, p. 104).

Um aspecto importante a ser comentado é o fato de que a violência sexual motivada por noções de raça ainda permanece na contemporaneidade, mas de forma sofisticada e menos direta em alguns casos. Quando se pensa em racismo estrutural, muitos indivíduos são levados a compreender o fenômeno como uma coisa nova, algo diferente do período escravocrata. Todavia, o racismo sistêmico tem as mesmas bases operacionais que seu fundador e, na maioria das vezes, as manifestações são idênticas. O excerto do romance de Cruz (2018) mostra como o estupro foi utilizado como uma ferramenta da hegemonia branca para subalternizar os su-

jeitos negros. Contudo, essa prática repulsiva continua sendo utilizada até hoje. Angela Davis (2016, p. 177-178) explica que após a abolição da escravidão, no período de formação do Jim Crow<sup>6</sup>, a branquitude investiu em discursos que desmoralizavam sexualmente homens negros e fragilizavam mulheres negras:

[...] a acusação fraudulenta de estupro se destaca como um dos artifícios mais impiedosos criados pelo racismo. O mito do estuprador negro tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes.

Em *Água de barreira* (2018), grande parte dos homens negros que compõem a narrativa são visto como parceiros pouco confiáveis, propensos a infidelidade e pais ausentes – o que leva algumas das personagens femininas a buscarem parceiros mais brancos, por sentirem mais confiança com eles, ou preferirem ficar sozinhas. Homi K. Bhabha (1998, p. 117) explica que o estereótipo é uma arma poderosa da branquitude para a manutenção de poder, uma vez que

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais.

Além do mito do estuprador negro, uma outra herança do período colonial é observável no romance: a ultrassexualização da mulher negra. Conforme o passar dos dias e a constatação de que será abusada sexualmente quando seu dono bem quiser, Anolina reflete sobre sua condição e constata qual era, de fato, a sua posição naquele engenho: "Anolina estava perdida, se afogando na mágoa por ter descoberto o objeto que sempre fora" (Cruz, 2018, p. 92). Djamila Ribeiro (2019, p. 83) explica:

As mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são "lascivas", "fáceis" e "naturalmente sensuais". Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos: mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país.

Obviamente, mulheres brancas também foram e são vítimas de violência sexual; isso não se discute. O ponto em questão é pensar no que coloca as mulheres negras como o alvo mais fácil, quais são as bases dessa violência. Segundo dados da UFJF<sup>7</sup>, em 2022, mais de 12 milhões de mulheres negras já foram vítima de violência no Brasil, o que corresponde a 65,6% do total de 18 milhões de mulheres vítimas no território brasileiro. A tendência é de aumento desses números. E, se olharmos atentamente para a história de formação do Brasil, o *passé livre* ao corpo da mulher negra foi criado lá.

### 3 "Se você der a mão a um preto, ele vai pegar o braço. O estudo vai estragar até o melhor preto do mundo"<sup>8</sup>

Martha, a única filha de Anolina, tem sua narrativa adulta ambientada logo após a abolição da escravatura. Para muitas pessoas, a abolição representou um avanço muito positivo no que tange às questões raciais e humanitárias. Todavia, na prática, não foi bem assim. Claro que ter sua liberdade assegurada por lei foi algo fundamental na vida dos sujeitos escravizados, mas isso não representou, de fato, o fim da violência e da opressão racial. A única ação governamental em favor dos negros, ainda devido à pressão inglesa, foi a abolição; de resto, foram abandonados e muitos submeteram-se a trabalhos análogos à escravidão, conforme explica Cruz (2018, p. 110) ao tratar das diferenças contextuais entre Martha e Anolina:

Anolina e Martha eram personagens que gravitavam naquele planeta feito de solo preto

<sup>6</sup> Período marcado pela segregação racial nos Estados Unidos e pela atuação da organização terrorista Ku Klux Klan, entre 1877 e 1964.  
<sup>7</sup> MULHERES negras são as maiores vítimas em casos de violência. *UFJF Notícias*, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/#:~:text=Infelizmente%2C%20pesquisas%20retratam%20a%20realidade,de%20mulheres%20v%C3%ADtimas%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 20 set. 2024.

<sup>8</sup> Comentário de um senhor de engenho ao ser questionado sobre o porquê de negar a alfabetização aos sujeitos escravizados ["*If you shake hands with a black man, he will take your arm. Studying will ruin even the best black man in the world*"] (Douglass, 1881, p. 79).

de massapê, açúcar, cana, fumo, engenhos, religião, lutas e ressentimentos antigos. Uma mistura bem separada, se é que isso é possível. Viviam na tensa linha que deixava de um lado o universo de quem manda, e de outro o de quem era mandado. Tudo tinha sido muito claro até pouco tempo atrás, mas não naquele momento em que os negros estavam livres e ninguém sabia quem era quem. Estavam vivendo tempos duros. Quem depois de liberto queria ir para a lida da cana, aquele inferno na Terra? Mas, ao mesmo tempo, era preciso sobreviver, e isso era coisa para conquistar um dia de cada vez.

A sobrevivência sempre foi um dilema na vida dos sujeitos em condição de escravidão, principalmente das mulheres. No entanto, agora não havia mais a "proteção" do engenho e por isso Anolina precisou trabalhar para sustentar ambas. Basicamente, ela desempenhava as mesmas ocupações da casa-grande: vendia doces, lavava e passava para, em grande maioria, mulheres brancas. A situação econômica da família fica mais grave quando, aos 13 anos, Martha engravidou de um jovem negro chamado Adônis. Na época, o jovem foi encantado pela luta sindicalista de negros que buscavam o fim definitivo da escravidão, como ele mesmo explica:

Participava das reuniões dos abolicionistas, a princípio apenas ouvindo. Gostava muito porque, para ele, era o único lugar do mundo inteiro onde estavam em pé de igualdade. Com o tempo e com o que ia conseguindo apurar nas notícias de jornais da capital e até o mesmo da corte, começou a entender bem a fundo tudo o que estava em jogo naquele momento. Ajudava os companheiros na eterna tarefa de economizar dinheiro, com o objetivo de comprar a liberdade, embora tivesse nascido no exato ano da "Lei dos Ingênuos", 1871. O ventre de sua mãe estava livre, mas ele seguia ali preso e trabalhando como escravo (Cruz, 2018, p. 127).

Para ele, que não se importava muito com o trabalho, pois o via como uma forma de opressão capitalista, a vitória contra a hegemonia branca seria através da intelectualidade. Contudo, após o assassinato de Anolina em um confronto contra negros libertos e antigos senhores de engenho, Adônis constata que a opressão racial jamais seria extinguida e passa a viver sua vida recluso

e escondido em casa, dedicando sua energia à tarefa de jardinagem. Isso também marcou a emasculação racial do personagem. Antes, ele sempre demonstrava a sua força e era presente no lar. Mas, após constatar a disparidade racial no assassinato de Anolina, ele se viu pequeno, tornou-se um homem ausente de suas obrigações familiares.

No caso de Martha, que antes vivia afastada da luta racial, o assassinato de sua mãe se torna o motivador de sua luta. Assim como Adônis, ela percebe que a única forma de revidar contra a opressão racial é pela intelectualidade. Martha sabe que buscar triunfo educacional para ela é algo absurdo, uma vez que precisava trabalhar para sustentar suas duas filhas, Damiana e Dodó. Assim, ela trabalha para que as duas tenham uma vida melhor, que sejam melhores que as mulheres brancas, conforme pensamento íntimo dela. Angela Davis (2016) explica que alfabetizar negros era algo veementemente proibido pelos senhores, pois isso tornaria os escravizados conscientes, críticos e "o conhecimento torna uma criança inadequada para a escravidão"<sup>9</sup> (Douglass, 1881, p. 79, tradução minha). Além disso,

Com frequência, os poderes misticadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epitome branco da humanidade (Davis, 2016, p. 109).

A luta ficcional de Martha pelo acesso à educação é um exemplo perfeito para compreendermos a história da própria educação. Apesar de haver a liberação desde 1854 de ensino para negros (menos os escravizados), a permanência nas escolas era um dos maiores desafios para o ensino. Os uniformes, os materiais, a comida, o transporte e o tempo eram o que mais dificultava o acesso à educação de negros e pobres. Muitas crianças simplesmente não podiam estudar, pois precisavam trabalhar para ajudar na escassa renda familiar e isso representava, na ficção e

<sup>9</sup> No original: "Knowledge makes a child unfit for slavery".

na realidade, a institucionalização da periferia do capitalismo e a meritocracia como instrumento político da hegemonia branca. Martha compreendeu isso e toda a sua vida, após a morte de sua mãe, foi direcionada a uma luta constante contra o capitalismo, seu novo senhor.

Mesmo odiando manter relações com a família de Francisco – senhor do engenho –, Martha precisava trabalhar e, conseqüentemente, frequentava muito a casa dele e, por isso, se aproximou de Maricota, a filha de Francisco. Morando em Salvador, com suas duas filhas, Martha sempre “tentava encontrar uma forma de ir além, de dar mais instrução e aumentar suas chances naquele mundo em que estavam em tanta desvantagem. Não queria que tivessem de enfrentar o que ela enfrentava nas ruas” (Cruz, 2018, p. 185). Nessa ânsia de buscar sempre mais, Martha faz um acordo com a família de Francisco: Damiana conseguiria uma vaga no Colégio Nossa Senhora da Salette, mas, em troca, Dodó teria que ser entregue como “ajudante” à família dele (logo mais, à casa de Maricota e sua família).

Para Martha, apesar de temer pelo futuro de Dodó, ter conseguido educação para pelo menos uma das filhas foi uma vitória. Sua vida não mudaria em nada, apenas teria que trabalhar mais e mais para sanar as despesas, mas seus netos e bisnetos iriam colher os frutos de sua luta. E Martha “sabia” que as coisas iriam melhorar para os negros, visto que ela já conseguia observar, socialmente, o declínio colonial:

Martha via, sentia e farejava a mudança que estava se operando. Observava a decadência cada vez maior de todos os senhores. Não saberia explicar que as coisas estavam diferentes por conta da mudança de eixo da política. Saía o nordeste e entrava o sudeste. Saíam Bahia e Pernambuco do império do açúcar. Entravam São Paulo e Minas Gerais da república do “café com leite”. Não tinha informações para detectar que as coisas ali estavam ainda nas mãos dos coronéis e permaneceriam por muitos e muitos anos, mas sabia que esse poder político era mantido para que conseguissem segurar alguns privilégios adquiridos e, quem sabe, conseguir outros, como o controle de órgãos

públicos. Não navegavam mais nos rios de dinheiro e muito menos tinham seus séquitos de escravos, mas cultuavam as personalidades poderosas e arrogantes. Afinal, a nobreza pode falir, mas nunca o admite (Cruz, 2018, p. 187).

A trajetória de Anolina e Martha, mesmo que marcada por contextos sociais distintos, seguiu o mesmo rumo: foram voltadas ao trabalho extremo e à solidão. Ambas as mulheres, abandonadas por seus parceiros, tiveram que assumir todas as responsabilidades do lar. Novamente, vale pensar na convergência de opressões que essas mulheres são obrigadas a vivenciar pela simples sobrevivência. bell hooks (2019, p. 45)<sup>10</sup> explica que “homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo os autoriza a agir como exploradores e opressores de mulheres”. Nesse sentido, pela trajetória de Anolina e Martha, é possível constatar que a mulher negra – mesmo após a abolição – continuava sendo a principal vítima de exploração, discriminação e opressão. Todavia, é observável também que, mesmo sendo o receptáculo de todas as opressões possíveis, elas continuaram persistindo na luta contra o sistema racial, ainda que, no caso de Martha, ela tenha tido que entregar uma de suas filhas ao engenho moderno.

#### 4 A escravidão moderna: a *causa mortis* de Dodó e a falta de espaço no mercado de trabalho para Damiana

As notícias de que pessoas, em grande maioria não brancas, ainda têm trabalhado em condições análogas à escravidão têm se tornado bem comum. No ano de 2023, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) divulgou que um total de 3.190 trabalhadores foram resgatados de trabalhos análogos à escravidão. Esses trabalhadores são, em grande maioria, empregadas domésticas consideradas “parte da família”, como é o caso de uma mulher negra que trabalhou por 72 anos para uma família do Rio de Janeiro<sup>11</sup>: ela atuou em três gerações do núcleo familiar, não recebia

<sup>10</sup> bell hooks assume a grafia de seu nome artístico em letras minúsculas apenas.

<sup>11</sup> SAKAMOTO, Leonardo; CAMARGOS, Daniel. Mulher é resgatada após 72 anos de trabalho escravo doméstico no Rio. *Repórter Brasil*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>. Acesso em: 20 set. 2024.

salário e sua vida era controlada pelo patrão. O caso descrito facilmente poderia se passar antes da Lei Áurea, decretada em 1888; contudo, o crime é datado de 2022. Inúmeras histórias poderiam ser mencionadas, mas, considerando a afirmação de Antonio Candido (1989, p. 113) de que "literatura não é uma experiência inofensiva", temos a narrativa de Dodó, que, de certa forma, humaniza e escancara a trágica realidade de muitas mulheres negras vitimadas pela escravidão moderna.

Damiana, a irmã de Dodó, consegue finalizar os seus estudos, mas isso não representa uma melhora na vida da personagem. Não havia, para uma mulher negra alfabetizada, e que buscava trabalhos intelectuais por volta de 1920, espaço no mercado de trabalho. Dessa forma, assim como todas as outras mulheres da família, Damiana ganhava a vida limpando e cozinhando, trabalhando como empregada doméstica, como pode ser observado no excerto que segue:

Com o nascimento de Celina, alguma coisa parece ter se apoderado de Damiana, pois sua capacidade e disposição para o trabalho triplicou. Um sentido de sobrevivência e uma força que nem ela sabia que possuía. Talvez um sexto sentido lhe dissesse que nunca, jamais, em tempo algum, deveria depender dos homens. Sua bisavó, sua avó e sua mãe não dependeram. Não seria ela a primeira (Cruz, 2018, p. 216).

Grávida e vivenciando um relacionamento abusivo com um homem alcoólatra e violento, a personagem decide que sua vida como mulher será solitária. Além disso, antes de se separar, ela engravida novamente e tem uma filha diagnosticada com esquizofrenia, o que a torna, conseqüentemente, escrava do dinheiro, pois não havia tratamento humanizado para sua filha e ela se recusa a deixar a criança nos chamados hospícios.

Assim como sua irmã, Dodó trabalhou a vida inteira. O diferencial é que sua existência só girava em torno do trabalho que, em muitos contextos, desgastava tanto a personagem que ela não conseguia dispor de energia para mais nada. A única liberdade que a personagem vivencia é quando está para morrer: "[...] tiveram que visitá-

-la no hospital. Um tumor – segundo o médico, muito agravado pelo descuido com a saúde e o esforço excessivo. Dodó faleceu pelos mesmos motivos de muitos antes dela: *A causa mortis* não escrita de Maria da Glória foi trabalho forçado" (Cruz, 2018, p. 294).

Causa certa revolta pensar que a família de Dodó não tirou ela da casa-grande; mas, compreendendo o contexto da época e entendendo que havia uma disparidade de poder entre a família negra e a branca, fica compreensível a pouca ação dos familiares de Dodó. Seu pai, Adônís, até tenta explicar para a filha que ela não é "parte da família" como a patroa dela afirma:

Filha, tá vendo aquele passarinho ali? Não está doente, está cantando, tem alimento, tem proteção... Ele acha que está bem, mas se um dia ele experimentar outra vida, pode ser que realmente pense que estava bem ou talvez perceba que era muito infeliz e nem sabia (Cruz, 2018, p. 245).

Em certo ponto da narrativa, quando a patroa percebe que querem resgatar a personagem, as visitas de Dodó e suas folgas passam a ser controladas e mais escassas. Antes, ela tinha alguns dias de folga no mês se deixasse todo o trabalho adiantado, mas, haja vista a dominação exercida sobre ela, os dias se tornaram minutos. Chega-se ao ponto de que a personagem é obrigada a trabalhar até a exaustão e por isso não consegue fazer nada além de dormir. Em uma das reflexões do núcleo familiar de Dodó sobre a situação dela, a família afirma ter consciência do que se passava com a personagem:

– A gente foi até lá várias vezes pra tirar Dodó daquela casa, mas a branca chorava, se lamentava, dizia: "eu não sei fazer o que Dodó faz. Ela é muito bem tratada aqui. Não, ela não vai embora! Nós não a tratamos bem?" Uma consumição que só vendo... Uma banana! Ela dizia isso na nossa frente e por traz, ó! [...] Mas Dodó era muito querida por todas as filhas dela.

\_ Mas tia, você não me disse que Dodó morreu de tanto trabalho que lhe davam? Que morreu sem cuidados e explorada? Como poderia ser "querida"?

\_ Ah, filha, essas são coisas que vêm do tempo do cativo! (Cruz, 2018, p. 161).

A jornada de Dodó refletiu várias opressões herdadas do cativo, mas, pensando na ordem

econômica, Angela Davis (2016, p. 230) explica que o trabalho doméstico foi criado para ser um local de subalternização feminina, principalmente das mulheres não brancas e, “como as tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista”. Ainda hoje, essa profissão é tida, em muitos contextos, como inferior, menos séria e mais fácil por não demandar esforço intelectual, o que leva a salários baixos e falta de regulamentação trabalhista. No caso de Dodó, nem salário ela tinha, uma vez que morava na casa e, por “fazer parte da família”, o que ela deveria receber era descontado na alimentação e moradia dela.

A narrativa de Dodó, apesar de não ter nenhum capítulo narrado inteiramente por ela, é extremamente importante, pois, saindo do âmbito da ficção, nos ajuda a observar quem são os intérpretes do Brasil; qual é o grupo social que, mesmo com o desenvolver dos séculos, continua estático no tempo do cativo. Apesar de ser ficção, a obra de Cruz (2018) explica muitas problemáticas sociais com as quais ainda lidamos no século XXI, como, por exemplo, o fato de que, em 2023, uma família branca foi inocentada em um processo trabalhista movido contra uma mulher que trabalhou para eles dos sete até os 53 anos de idade sem salário. A justificativa do juiz ao inocentar os patrões foi a de sempre: ela fazia parte da família<sup>12</sup>.

### Considerações finais

A metaficção historiográfica de Eliana Alves Cruz, *Água de barreira* (2018), nos leva a diversos caminhos analíticos por ser uma obra múltipla e de muita profundidade temática. Para muitos, o passado escravocrata é algo obsoleto, mas, para aqueles que ainda vivem as heranças da senzala, ele segue existindo de forma diversa, silenciosa e estrutural. Nesse sentido, compreendendo que as mulheres negras foram e ainda são as

principais vítimas do sistema escravocrata, o presente estudo optou por um recorte analítico cujo ponto central foram as histórias de Anolina, Martha, Damiana e Dodó.

Cada uma delas vivenciou as violências da escravatura e da pós-abolição de formas diversas, revelando as variadas manifestações da opressão racial. Cruz (2018), ao trazer narrativas potentes e concretas, humanizou e tirou da obsolescência essas intérpretes do Brasil que até nos dias atuais sofrem na pele as heranças da escravidão, como são o caso Dodó e dos paralelos feitos com empregadas domésticas no Brasil atual. Além disso, o presente estudo se ocupou de dois instrumentos importantes na regulamentação do sistema de opressão: o machismo e o capitalismo.

As mulheres negras, conforme explica bell hooks (2019), é o grupo mais marginalizado das sociedades por elas estarem em uma posição de subalternização que as torna a classe mais propensa a receber diversas violências, seja por parte de homens brancos, negros e até por parte de mulheres brancas, conforme foi apresentado nas análises de Anolina, Martha, Damiana e Dodó. Somado à opressão de gênero, o capitalismo também é um importante determinante nas vidas das personagens, uma vez que todas trabalharam de forma maçante até a terceira idade, mas não vivenciaram os frutos de suas abnegações. Dessa forma, considerando que as opressões que são apresentadas na narrativa de Cruz (2018) traduzem aspectos da formação desigual e opressora do Brasil, essas quatro personagens atuam como intérpretes da nação.

### Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antonio C. Ribeiro (org.). *Direitos humanos E...* São Paulo: Cjp/Ed. Brasiliense, 1989. v. 122.
- CRUZ, Eliana Alves. *Água de barreira*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

<sup>12</sup> HOFMEISTER, Naira. Trabalho escravo: família é absolvida em caso de doméstica sem salário desde os 7. *Repórter Brasil*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2023/07/trabalho-escravo-familia-e-absolvida-em-caso-de-domestica-sem-salario-desde-os-7/>. Acesso em: 28 out. 2024.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DARWIN, Charles. *The descent of man, and selection in relation to sex*. London: John Murray, 1871.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOUGLASS, Frederick. *The Life and Times of Frederick Douglass*. New York: Important Books, 1881.

ELIANA Alves Cruz. *Literafro* – o portal da literatura afro-brasileira, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em: 10 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOFMEISTER, Naira. Trabalho escravo: família é absolvida em caso de doméstica sem salário desde os 7. *Repórter Brasil*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2023/07/trabalho-escravo-familia-e-absolvida-em-caso-de-domestica-sem-salario-desde-os-7/>. Acesso em: 28 out. 2024.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARTINS, E; ROXO, S. Primeira morte por coronavírus no país: a diarista Rosana deixou um filho com atraso de desenvolvimento e epilepsia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/primeira-morte-por-coronavirus-no-pais-diarista-rosana-deixou-um-filho-com-atraso-de-desenvolvimento-epilepsia-24575691>. Acesso em: 8 set. 2024.

MULHERES negras são as maiores vítimas em casos de violência. *UFJF notícias*, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/#:~:text=Infelizmente%2C%20pesquisas%20retratam%20a%20realidade.de%20mulheres%20v%C3%ADtimas%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 20 set. 2024.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAKAMOTO, Leonardo; CAMARGOS, Daniel. Mulher é resgatada após 72 anos de trabalho escravo doméstico no Rio. *Repórter Brasil*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>. Acesso em: 20 set. 2024.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and society*. Londres: Cahtoo and Windus, 1958.

## Natasha dos Santos Esteves

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na área de concentração Estudos Literários. Possui mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na área de concentração Estudos Literários, linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades, com a dissertação intitulada "The hate u give: racismo sistêmico e resistência no romance pós-colonial de Angie Thomas". Além disso, integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC), da Unespar.

## Endereço para correspondência

### NATACHA DOS SANTOS ESTEVES

Rua Doutor Carlos Boenig, 569, Jardim Francisco Ferreira Albuquerque, 87309-087

Campo Mourão, Paraná, Brasil

### Como citar este artigo

Esteves, N. dos S. As heranças que vem do tempo do cativo: considerações sobre as vivências de mulheres negras no romance Água de barreira (2018). *Letras De Hoje*, e48165. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2026.1.48156>

### Editor da revista

Cláudio Primo Delanoy

Regina Kohlrausch

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*